

CRÍTICA / FILME / THUNDERBOLTS*

O esboço é bom, mas a arte-final, não

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Transformado na maior máquina de fazer dinheiro em salas de projeção no século 21, o acervo de superaventuras da Marvel começou a se formar nos anos 1960, com a chegada do Quarteto Fantástico (em 1961), mas só ganhou forma (e apelo) em tela grande em 1998, quando Wesley Snipes se arriscou a interpretar o caçador de vampiros Blade. Até ali, a editora de Stan Lee só tinha êxito na televisão, em desenhos e seriados, como o “Hulk”, com Lou Ferrigno e Bill Bixby.

Ao abrir a Caixa de Pandora marvete, Snipes instigou a Fox a filmar os X-Men e inspirou a Sony a escalar paredes com o Homem-Aranha. Franquias diversas nasceram dali e levaram a Disney a desembolsar uma fortuna para assegurar para si toda uma mitologia de vigilantes e vilões na negociação que redefiniu o lugar dos quadrinhos no cinemão. Kevin Feige foi o produtor por trás das operações de Mickey Mouse no reino dos super-heróis, numa dinâmica que faturou bilhões e emplacou joias



Sebastian Stan, Hannah John-Kamen, Florence Pugh, Wyatt Russell
David Harbour encabeçam o elenco de ‘Thunderbolts’

(“Os Vingadores: Ultimato”, entre elas) até o filão se desgastar, por excesso, em 2022, com o repugnante “Thor: Amor e Trovão”.

O empenho de levar uma grife como Thunderbolts para o écran é um meio de regar um pasto que hoje amarela, esturricado

pelo excesso de exploração. Trabalhar numa espécie de linha B, com figuras menos conhecidas do público, tal qual James Gunn fez em 2014, com “Guardiões da Galáxia”, parecia ser uma solução para revitalizar um terreno em desgaste. O problema é que

Jake Scheirer, o cineasta escolhido para essa tarefa, não é Gunn. Rodou um filme bom (“Frank e o Robô”) e uma série mequetrefe (“Treta”), sem criar marca autoral alguma e sem depurar destrezas para delinear enquadramentos. Para piorar, Feige não se preocupou em aproveitar o legado quadrinístico de Kurt Busiek e Mark Bagley, os pais dos Bolts originais, optando por explorar refugos de filmes e de séries anteriores. Tem um sol em cena, chamado Sebastian Stan, que devora cada deixa que tem no papel do Soldado Invernal. A sequência em que ele surge de moto, aos tiros, a fim de combater inimigos é um tributo a “O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final” (1991) que emociona e empolga. Há ainda uma sequência de abertura, de luta à la John Wick, com a atual Viúva Negra (Florence Pugh), que enche os olhos. Fora isso, tudo derrapa numa direção coxa, sem verve épica, e numa edição que equilibra mal a velocidade da narrativa. Há uma personagem repleta de camadas em cena, a executiva da Justiça chamada Valentina Allegra de Fontaine, personagem em que a sempre genial Julia Louis-Dreyfus esculpe com um misto de ironia e de perversidade. Apesar dela e de Stan, o que vemos não faz jus à grandiosidade dramática das revistas de Busiek/Bagley, ainda que a direção de fotografia dionisiaca estruturada por Andrew Droz Palermo subverta expectativas.

Zemo foi o culpado

Custa R\$ 183,90 o tijolo de 520 páginas que a Panini Comics lançou no Brasil com as tramas de formação dos Thunderbolts nos quadrinhos, mas o preço tá mais do que justo diante da elegância da edição e da riqueza de seu conteúdo gráfico. Não tinha Viúva Negra nem Soldado Invernal e nem Agente Americano na versão inicial da patota que inspira a nova empreitada da Disney pelo Universo Marvel.

O grupo apareceu em “The Incredible Hulk” nº 449, em janeiro de 1997, de Peter David e Mike Deodato. Três meses depois, ganhou um título próprio, ilustrado por um desenhista que passava por uma fase de apogeu:



O grupo apareceu pela primeira vez em 1997 num gibi da franquia ‘Hulk’

Mark Bagley. Ele foi o cocriador da superequipe com o escritor Kurt Busiek, um gênio que arrebatou legiões de fãs com “Astro City”.

Bagley jamais ganhou prestígio à altura de sua excelência, com seu traço de inspiração helênica refestelado no colorido da indústria quadrinística noventista. Ele e Busiek deixaram nerds de queixo caído ao inverterem a polaridade do Bem: seu esquadrão não reu-

nia almas altruístas e, sim, bandidos disfarçados de salvadores da pátria. O líder dos Bolts, o espadachim Cidadão V, era uma fachada. Por trás de sua máscara metálica havia o Barão Helmut Zemo, um espólio vivo da senda nazista. O ferrabrás já apareceu no cinema e no Disney+ vivido pelo ator teuto-espanhol Daniel Brühl (de “Adeus, Lênin!”).

A ambição de Zemo era ganhar a cre-

dibilidade da população, em meio a uma ausência dos Vingadores, que sumiram em meio a uma crise nas infinitas terras. Uma vez adorado pela mídia, ele poderia expandir seus domínios sobre o mundo livre. Sua principal aliada era a Meteorita, identidade adotada pela bandidona Rocha Lunar.

No recheio dos enredos de Busiek, o mel vinha do conflito interno de Abner Jenkins, um ladrão conhecido como Besouro, que, ao assumir o papel do vigilante MACH-V, entrava numa vibe São Dimas. Jenkins se arrepende do passado ao provar do jubilo que existe em salvar fracos e oprimidos. De quebra, ele se apaixona pela atormentada Soprano, que, outrora, roubava bancos sob o codinome Colombina). Havia ali um melodrama signo de Janete Clair.

Essa marola sentimental fez os planos de Zemo ruírem e os Thunderbolts tomaram outro rumo, a ponto de serem substituídos por outros vigilantes. A Panini lançou, em 2024, um gibi de custo bem honesto (cerca de R\$ 34) com esse bando, agora chefiado pelo Gavião Arqueiro. (R.F.)